

HERANÇA BACHELARDIANA NO PENSAMENTO DE GILBERT DURAND

Vanderley Martins da CUNHA

Mestrado em Filosofia - PUCAMP

CNPq

RESUMO

Gilbert Durand tratou de ampliar a investigação de Bachelard a respeito da **psicanálise do fogo**, na direção de uma hermenêutica simbólica que põe em destaque a linguagem mítica, considerando-a como o horizonte último de toda linguagem.

O pensamento de Gilbert Durand enfoca a obra bachelardiana no seu aspecto noturno, poético, pondo em relevo sua influência no pensamento filosófico contemporâneo.

RÉSUMÉ

Gilbert Durand a essayé d'élargir la recherche de Bachelard sur une **psychanalyse du feu**, dans le sens d'une herméneutique symbolique, qui met en relief le langage mythique, envisagée comme l'horizon ultime de tout langage.

La pensée de Gilbert Durand envisage l'oeuvre bachelardienne de son côté nocturne, poétique et met en relief son importance dans la pensée philosophique contemporaine.

Gilbert Durand nasceu na França em 1921. Discípulo de Bachelard, procurou completar antropologicamente a investigação inaugurada pelo “filósofo do não” na obra **A Psicanálise do fogo**. À luz da Escola de Eranos¹, elabora uma hermenêutica simbólica, adotando uma atitude mitodologista que privilegia, obviamente, a linguagem mítica, apresentada como o solo nutrício do qual procede e ao qual retorna toda e qualquer linguagem². Durand elabora, a partir de sua visão teórica, uma verdadeira mitodologia (mitocrítica e mitoanálise) aplicadas a textos e contexto diversos. O pensamento durandiano vai matriciar a Escola de Grenoble, constituída em torno do domínio pluridisciplinar do imaginário, estando seus membros, de algum modo, ligados ao CRI (Centre de Recherche sur l’imaginaire).

Uma das coordenadas intelectuais dentro das quais o pensamento de Durand está situado é a investigação poética bachelardiana. Queremos, neste espaço, tecer algumas considerações que explicitem um pouco mais as relações existentes entre esses dois pensadores, à luz de uma hermenêutica instauradora (como Durand estuda em seu livro **A Imaginação Simbólica**).

Nesta sua obra encontramos uma abordagem acerca de algumas questões fundamentais relativas ao pensamento simbólico: condensa uma investigação ampla sobre o símbolo e o modo como o ocidente tem relacionado com ele; oferece-nos uma excelente perspectiva histórico-crítica acerca das tendências hermenêuticas mais recentes; mostra a função da imaginação simbólica na estrutura cognitiva do homem.

Conforme assinala G. Durand³, nossa época redescobriu a importância das imagens através da contribuição da psicanálise e da etnologia. Essas duas ciências rompem com vários séculos de repressão e repúdio do imaginário. No entanto, elas “descobrem a imaginação simbólica para tentar integrá-la na sistemática intelectualista estabelecida, apenas para tentar reduzir a simbolização a um simbolizado sem mistério”.⁴ Assim para Durand, a psicanálise freudiana, o funcionalismo de Dumézil e o estruturalismo de Levi-Strauss vão compor o quadro das hermenêuticas redutoras: as que reduzem o símbolo a um episódio regional, epifenômeno, sintoma, superestrutura; reduzem-no, enfim, a um mero signo, negando,

conseqüentemente, a transcendência do simbolizado Essas hermenêuticas serão, conforme expressão de Ricouer, arqueológicas: mergulham no passado biográfico, sociológico...

São as pesquisas de Jung que vão restaurar o símbolo em sua dignidade criadora não-patológica: ele redescobre o caráter multifoco do símbolo que não se reduz a um episódio regional, mas remete a um 'sentido espiritual', a um sistema de virtualidades (arquétipo). Com Jung, já nos situamos no âmbito das hermenêuticas instauradoras que, seguindo a via da remitização, podem ser caracterizadas pela amplificação do símbolo; por um esforço de deciframento de caráter escatológico (apelo à ordem essencial) revelação da essência do espírito através das metamorfoses de nossa atual situação no mundo. Contudo, ao ressaltar a função sintética do símbolo, o psicólogo suíço, conforme salienta Durand, propõe uma concepção muito ampla da imaginação. Para nosso autor, será Gaston Bachelard quem vai demarcar o bom e o mau uso dos símbolos.

Para o "filósofo do devaneio poético" existem três setores nos quais a utilização dos símbolos é bem diferente: No campo da ciência objetiva, o símbolo deve ser proscrito: o conceito tem melhor funcionamento quando livre de qualquer imagem de fundo. No setor dos sonhos, o símbolo se reduz a mera sintomática. No âmbito da expressão poética, deve-se explorar o poder de sugestão das imagens simbólicas.

Bachelard, adotando uma atitude de desconfiança frente às pretensões absolutistas da ciência, vai tentar ao logo de seu itinerário intelectual, uma ampliação dos horizontes de razão ocidental. Sua investigação vai desembocar no estudo da criação poética que se expressa através de palavras e metáforas e no estudo dos devaneios. A expressão poética, exaltando a subjetividade, deixando-se conduzir por ela e explorando o poder de sugestão das imagens, vai exigir uma hermenêutica que esteja livre de todo método que vise arrancar o objeto de todos os seus vínculos afetivos e sentimentais.⁵ "Para explorar o universo do imaginário, da recondução imbólica, é a fenomenologia que se impõe e só ela permite "reexaminar" com novos olhos as imagens fielmente amadas".⁶ Trata-se de uma

fenomenologia dinâmica que, ultrapassando todos os obstáculos do compromisso biográfico do autor ou leitor, visa colher o símbolo em “carne e osso”.

A fenomenologia dinâmica e amplificadora que Bachelard propõe, conforme salienta Durand⁷, estabelece a plenitude das imagens, capta o funcionamento essencial do símbolo “uma recondução instauradora em direção a um ser que se manifesta apenas e através dessa imagem singular”.⁸ Essa prospecção fenomenológica dos símbolos poéticos em Bachelard se fundamenta no princípio geral segundo o qual “a imagem só pode ser estudada pela imagem, ao sonhar imagens tal como elas se reúnem no devaneio...”⁹ Os encadeamentos de símbolos são regidos por afinidades ocultas presentes em seu conteúdo semântico, material. Bachelard, enfim, tem o mérito de propor o estudo do imaginário a partir do próprio imaginário.

Gilbert Durand afirma sua fidelidade à perspectiva aberta por Bachelard¹⁰. Com o seu mestre, reivindica para o filósofo o direito “a um estudo sistemático da representação”, sem qualquer exclusão.¹¹ Ao estudar, numa perspectiva simbólica, os arquétipos fundamentais da imaginação humana, ele assume as intuições que sustentam a concepção geral do simbolismo em Bachelard. Na introdução da obra **As Estruturas Antropológicas do Imaginário**, Durand afirma: “Bachelard faz repousar a sua concepção geral do simbolismo imaginário sobre duas intuições que faremos nossas: a imaginação é o dinamismo organizador e esse dinamismo organizador é fator de homogeneidade na representação. Segundo o epistemólogo, muito longe de ser faculdade de “formar” imagens, a imaginação é potência dinâmica que “deforma” as cópias pragmáticas fornecidas pela percepção, e esse dinamismo reformador das sensações torna-se o fundamento de toda a vida psíquica...”¹²

Durand se declara discípulo de Bachelard, todavia ele se nos apresenta como um discípulo continuador. Assim, na execução de seu projeto de pesquisas sobre a imaginação simbólica, o ‘homem do imaginário’, seguindo a linha de investigação bachelardiana e servindo-se das obras poéticas de seu mestre, vai, através de uma ampliação reinterpretativa, propor a integração e compreensão da

totalidade do universo do discurso humano numa teoria antropológica unitária. Pretende “generalizar” a antropologia restrita de Bachelard: “...podemos nos interrogar mais uma vez, sem negar a herança decisiva do filósofo do devaneio poético, sobre a totalidade do imaginário e dar acesso, na experiência da consciência, não só a poesia mas também aos velhos mitos, aos ritos que as religiões, as magias e as neuroses plagiam”.¹³ Os resultados dessa proposta durandiana encontram-se registradas em sua obra monumental: **As Estruturas Antropológicas do Imaginário**.

O pensamento de Gilbert Durand vem confirmar a constatação de que a obra bachelardiana pode ser considerada, não só em sua vertente diurna, epistemológica, mas também na sua vertente noturna, poética, uma fonte de múltipla influência no pensamento filosófico contemporâneo, sobretudo na França.¹⁴

NOTAS

(1) Fundada por Jung em 1933, é atualmente importante ponto de convergência de amplas investigações interdisciplinares sobre o homem. Caracteriza-se por seu talante científico-gnóstico...

(2) Cf. L. Garagalza, **la interpretación de los símbolos**, p. 16.

(3) Cf. G. Durand, **A Imaginação Simbólica**, p. 41.

(4) G. Durand, **ibid.**, p. 41.

(5) G. Durand, **ibid.**, p. 66.

(6) G. Bachelard, **La poetique de la Reverie**, p. 2.

(7) Cf. G. Durand, **ibid.**, p. 68.

(8) G. Bachelard, **ibid.**, p. 46.

(9) G. Bachelard, **Poetique de la Reverie**, p. 46.

(10) Cf. G. Durand, **As Estruturas Antropológicas do imaginário**, p. 15.

(11) Cf. G. Durand, **ibid.**, p. 22.

(12) G. Durand, **ibid.**, p. 23.

(13) G. Durand, **A Imaginação Simbólica**, p. 74.

(14) Pode-se considerar Bachelard como o ponto de partida dos filósofos da diferença e da ruptura, por exemplo.